

Heterossexualidade enquanto categoria de análise: por uma abordagem lésbicofeminista das existências lésbicas e seu envelhecimento¹

Sarah Ryanne Sukerman Sanches²

Zuleide Paiva da Silva³

Alda Britto da Motta⁴

Recebido em setembro de 2023

Aceito em dezembro de 2023

RESUMO

Este artigo deriva de uma pesquisa de mestrado, em andamento, acerca do envelhecimento lésbico no contexto do interior da Bahia. Em seu percurso metodológico, a pesquisa contou com revisão bibliográfica temática, abrangendo teses, dissertações, monografias e artigos, publicados entre os anos de 2001 a 2021, sobre lésbicas velhas e temas correlatos, que apresentavam relevância para a pesquisa. Entre os resultados desta revisão, destaca-se a identificação de lacunas existentes no conjunto dessas produções, dentre elas a ausência de reflexões críticas sobre a heterossexualidade e a predominância de abordagens que se centram nas experiências afetivossexuais e de sociabilidade de suas interlocutoras. Do ponto de vista teórico, há também a escassez quando não ausência de autoras lésbicas feministas em suas referências. Neste artigo, apresento parte da perspectiva teórica adotada para a pesquisa, apontando a importância de uma abordagem teórica lésbicofeminista, que considere a heterossexualidade enquanto categoria de análise e princípio organizativo da vida social, para uma análise crítica das existências lésbicas.

Palavras-chave: lésbicas; heterossexualidade; lesbofeminismo; envelhecimento.

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada durante o IV EMGES – Encontro Maranhense sobre Gênero, Educação e Sexualidade e II SICODE – Simpósio Nacional Corpos e Diversidade na Educação – Corpos, Gênero e Sexualidades nas Ciências Humanas e Sociais: desafios da atualidade, e publicado nos anais sob o título “O que é envelhecer quando se é lésbica? Por uma abordagem lésbica feminista das existências lésbicas”.

² Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM), Universidade Federal da Bahia, Salvador. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (UFRB). Salvador, Brasil. E-mail: sarahrssanches@hotmail.com

³ Professora Adjunta da UNEB, integrante do corpo permanente do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED-UNEB). Possui formação interdisciplinar, com graduação em biblioteconomia, doutorado em Difusão do Conhecimento (UFBA, IFBA, UNEB, UEFS, SENAI-CIMATEC, LNCC), mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (UFBA). É pós-doutoranda em Educação (FACED-UFBA), vinculada ao grupo de pesquisa Formação, Experiência e Linguagens (FEL-CNPq) e ao grupo de Pesquisa Formação em Exercício de Professores (FEP-CNPq). É ativista da Liga Brasileira de Lésbicas e da Rede Lesbi Brasil. Conceição do Coité, Brasil. E-mail: eidepaivasilva@gmail.com

⁴ Socióloga. Doutora em Educação, mestre em Ciências Sociais. Professora dos Programas de Pós-graduação em Ciências Sociais e em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM/UFBA). Salvador, Brasil. E-mail: aldamotta01@hotmail.com

Heterosexuality as a category of analysis: towards a lesbian-feminist approach to lesbian existences and their aging

ABSTRACT

This article originates from an ongoing master's research on lesbian aging in the interior of Bahia. Methodologically, the research included a thematic bibliographic review, analyzing theses, dissertations, final papers and articles, published between 2001 and 2021, about elder lesbians and other topics of relevance to the research. Among the results of this review, the identification of gaps in these productions stand out, including the absence of critical reflections on heterosexuality and the predominance of approaches that focus on the sociability and affective-sexual experiences of their interlocutors. Theoretically, there is also a scarcity or absence of lesbian feminist references in these productions. In this article, I present part of the theoretical perspective used in the aforementioned ongoing research, demonstrating the importance of a lesbian feminist theoretical approach that considers heterosexuality as a category of analysis and organizing principle of social life for a critical analysis of lesbian existences.

Keywords: Lesbians; Heterosexuality; Lesbian Feminism; Aging.

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa de Mestrado em andamento. Para a realização da pesquisa, que pretende compreender as trajetórias de vida de lésbicas velhas no contexto do interior da Bahia, a partir de uma perspectiva crítica sobre a heterossexualidade e da análise da díade categorial idade\geração, bem como do território como marcadores sociais da diferença entre lésbicas, formulou-se a seguinte pergunta enquanto problema de pesquisa a ser investigado: o que é ser lésbica e velha, ou seja, de que forma a existência e sexualidade lésbica, reprimida ou insubordinada ao longo do curso da vida, impactou o modo de vida, autoimagem, relações familiares, de trabalho e sociais, assim como o próprio envelhecimento?

Em seu percurso metodológico, a pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, se desdobra em três etapas: revisão bibliográfica temática, realizada nos sistemas de busca do Google Acadêmico, do portal de Teses e Dissertações da CAPES e no repositório da Universidade Federal da Bahia (UFBA); entrevistas de história de vida com lésbicas velhas que residem na cidade de Feira de Santana, localizada no centro-norte baiano, no território de identidade Portal do Sertão, a 108 km de distância da capital do estado, Salvador; e, por fim, a análise das narrativas de lésbicas velhas, obtidas através do método bola de neve. O embasamento teórico é constituído pelas teorias feministas, lésbico-feministas e a antropologia e sociologia do envelhecimento, assim como a geografia crítica.

Através da revisão bibliográfica, realizada a partir dos seguintes descritores: lésbicas velhas; envelhecimento lésbico; homossexualidade feminina; envelhecimento LGBT; e velhas homossexuais, foram localizadas 17 produções, entre os anos de 2001 e 2021 que, de algum modo, dialogavam com a pesquisa em andamento. Foram selecionadas teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso e artigos que tivessem como sujeitas de pesquisas lésbicas, especialmente de meia idade e velhas; assim como trabalhos que tinham a história oral como metodologia e aqueles cujas narrativas eram situadas em cidades do interior, embora nem todas as pesquisas atendam a todos esses critérios concomitantemente. Foram priorizados também trabalhos de campo, sendo excluídos, via de regra, trabalhos de revisão bibliográfica a respeito da temática. A partir da revisão, foi possível mapear aproximações e diferenças teóricas e metodológicas entre as pesquisas já existentes ou em andamento, identificando, dentre outros aspectos, a ausência de referenciais lésbico-feministas, motivo da crítica que aqui se elabora.

Considerando a desvalorização social da velhice, a invisibilização⁵ histórica das lésbicas, a baixa produção de estudos sobre o interior e a ausência de referenciais decorrentes desse cruzamento, pretende-se, através desta pesquisa de mestrado em andamento, registrar e visibilizar a existência das lésbicas velhas no interior da Bahia, considerando a heterossexualidade, a idade\geração e o território como elementos constitutivos dessas experiências.

Lacunas e tensionamentos das produções sobre lésbicas e envelhecimento

Como sugere Andrea Moraes Alves (2010), estudos sobre lesbianidade nas Ciências Sociais passam a fazer parte das produções acadêmicas brasileiras a partir de 1990. Estudos esses caracterizados, em sua maioria, pelo registro da história dos

⁵ Luana Oliveira (2020), em sua dissertação sobre a heterossexualidade como ferramenta de interdição lésbica, opta pelo termo invisibilização em detrimento de invisibilidade, para acentuar o fato de que se trata de um engendramento da heterossexualidade, uma ação, portanto, e não apenas uma característica ou qualidade da condição lésbica, subentendida no uso do sufixo “dade”. Em acordo com a autora, faço uso aqui do termo. Sobre isso, ver: OLIVEIRA, Luana. **Imposição hetero, interdição lésbica**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2020, 98f.

movimentos sociais – feministas, homossexuais, de lésbicas e LGBTI+⁶ - e por investigações sociológicas e antropológicas sobre as experiências, sociabilidades e significados da existência e sexualidade lésbica e seus respectivos impactos sobre as questões de gênero e das mulheres.

Contudo, esses estudos debruçam-se predominantemente sobre as narrativas de lésbicas jovens adultas ou adultas, em uma faixa etária que vai dos 20 aos 40 anos, com exceção de algumas mulheres de meia-idade (FACCHINI, 2008; LACOMBE, 2006 *Apud* ALVES, 2010, p. 214). Apesar da faixa etária investigada, é importante pontuar que a idade categorial\geração⁷ não necessariamente se apresenta enquanto ponto de investigação. Muito embora pouco apresentada nos estudos sobre lésbicas como digna de nota e reflexão, idade\geração é elemento determinante e constitutivo das subjetividades humanas e da organização social (BRITTO DA MOTTA, 1990), estando complexamente relacionada com demais relações sociais de poder, como a heterossexualidade, racismo e capitalismo.

Como aponta Alda Britto da Motta (2010), dentro do campo dos estudos geracionais, é entre as décadas de 1980 a 1990 que os velhos, enquanto grupo geracional, tornam-se objeto de estudo. Enquanto tema de pesquisa, a velhice tem, cada vez mais, assumido um caráter de importância na contemporaneidade, haja vista o aumento da longevidade e, conseqüentemente, do número crescente da população idosa. Contudo, não apenas por suas condições demográficas, mas especialmente pelas características sociais e políticas a elas relacionadas.

⁶ Embora o acrônimo que representa as diferentes orientações sexuais e identidades de gênero seja uma pauta em discussão, e não haja nenhuma entidade que determine o uso mais ou menos correto da sigla, faço uso da sigla LGBTI+ em acordo com o Relatório Final da 3ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais (BRASÍLIA, 2016), que tem sido utilizado como parâmetro para diferentes pesquisadoras\es e que apresenta as siglas LGBT e LGBTI, sendo essas as categorias oficialmente representadas pelos movimentos sociais naquele momento. O “+” é utilizado como referências às demais categorias, não representadas em 2016.

⁷ Como explicita Alda Britto da Motta (2010, p. 226), “a geração, em um sentido amplo, representa a posição e atuação do indivíduo em seu grupo de idade e/ou socialização no tempo”, o que faz com que idade e geração, embora conceitualmente diversos, estejam intrinsecamente conectados, sendo impossível, do ponto de vista teórico e da materialidade das relações sociais, dissociá-los. A idade atua como referência cronológica e política fundamental, definindo a organização social em termos de grupos de idade, especialmente na Modernidade, assim como define ciclo e trajetórias de vida, direitos e deveres e a divisão social do trabalho, conseqüentemente, atribuindo poder às gerações, que por sua vez, constituem-se a partir dos grupos de idade e dos contextos sócio-político-culturais que os marcam e conferem posicionalidades distintas (BRITTO DA MOTTA, 2012).

A feminização da velhice, caracterizada por um contingente maior de mulheres velhas do que de homens, é um dos fenômenos do envelhecimento populacional sobre o qual se debruçam interesses socio-antropológicos que questionam a homogeneidade da experiência do envelhecimento, ao demonstrar as diferenças, especialmente de gênero e classe no interior da velhice, demarcando a importância de identificar as múltiplas vivências e assimetrias de poder que atravessam o processo de envelhecimento (BRITTO DA MOTTA, 1999; 2011; DEBERT, 1999; DEBERT e BRIGEIRO, 2012). Na década de 1970, Simone de Beauvoir já descrevia as mulheres velhas como “os grandes velhos solitários que constituem a camada mais desfavorecida da população” (BEAUVOIR, (2018 [1970]), p. 276-277), ao constatar que essas estatisticamente viviam mais tempo do que os homens, mas que, mais que isso, viviam sós.

Ainda no que diz respeito à relação das mulheres com a velhice, Guita Grin Debert (1999) demonstra que, para algumas autoras e autores, há uma dupla vulnerabilidade experienciada nesta condição: enquanto mulher, as sujeitas são definidas a partir do seu papel reprodutivo e maternidade, sendo desvalorizadas na velhice ao perderem suas capacidades reprodutivas e de cuidado. Desse modo, sofrem tanto por serem mulheres quanto por serem mulheres velhas, uma experiência que, antes de biológica, é social, decorrente de eventos como a viuvez e o abandono dos filhos, assim como das mudanças físicas provocadas pelo tempo e o valor social atribuído a essas mudanças.

Contudo, ainda que a multiplicidade das velhices tenha se tornado de interesse sociológico, considerando-se especialmente as dimensões de classe social e gênero enquanto elementos definidores das experiências de envelhecimento (BRITTO DA MOTTA, 1999), as mulheres velhas têm sido apresentadas quase que exclusivamente enquanto heterossexuais, cujas vidas e experiências são definidas a partir das suas relações com os homens, o casamento, a maternidade e avosidade. Ainda assim, essas pesquisas não apresentam a heterossexualidade como uma categoria de análise, o que implica dizer que a heterossexualidade enquanto definidora do curso de vida das mulheres apresenta-se de maneira naturalizada e não problematizada.

Assim, se por um lado, as investigações sobre idade\geração, mais particularmente o envelhecimento, são esparsas nos estudos lésbicos, que têm

desconsiderado esta dimensão social; por outro, as pesquisas, dentro do campo dos estudos geracionais, sobre envelhecimento têm sido majoritariamente investigadas, pensadas e apresentadas a partir do paradigma da heterossexualidade⁸, o que, em conjunto, implica que as lésbicas velhas têm sido invisibilizadas nas pesquisas dentro das Ciências Humanas e Sociais, quer estejam inseridas no campo das lesbianidades, quer estejam inseridas nos estudos geracionais ou da gerontologia.

Díspares e, em alguns pontos, similares às trajetórias de mulheres heterossexuais, as lésbicas experienciam, de forma geral, outros modos de vida e dilemas no curso da vida. No Brasil, essas especificidades têm sido não apenas ignoradas dentro dos estudos geracionais, especificamente naqueles sobre envelhecimento, a exemplo de Alves (2010) e Fernandes-Eloi *et. al.* (2017), como são eles próprios construídos com base naquilo que Monique Wittig (2022) denomina de *pensamento heterossexual* (ver nota 5), ignorando as especificidades das lésbicas.

Conclusões como “nas idosas homossexuais, estudos mostraram que não existem especificidades no envelhecimento desse segmento populacional” (LIMA, 2013, p. 2297) ou ainda “a etapa mais avançada do curso da vida não adquire marcas únicas porque os velhos em questão são gays ou lésbicas” (ALVES, 2010, p. 231), afirmações que não possuem ainda subsídios teóricos consistentes, são demonstrativas dessa invisibilização. As referências esparsas, quando não ausentes, de lésbicas feministas em suas produções é outro elemento que denuncia o pensamento heterossexual projetado nos estudos dessa temática.

No que diz respeito aos estudos sobre envelhecimento da população LGBT que compõem parte do campo, ainda em formação no país, denominado gerontologia LGBT, onde também podem estar inseridos ou se inserir os estudos sobre lésbicas velhas, há

⁸ A heterossexualidade é compreendida de diversas formas no campo dos estudos feministas. Ao longo desta produção, faço uso do termo no sentido dado por algumas teóricas lésbicas (WITTIG, [1980] 2022; RICH, [1982] 2019) que têm propostas e conceitualizações díspares em diferentes aspectos, mas que compartilham a compreensão de que a heterossexualidade não é apenas uma expressão da sexualidade humana, de uma preferência afetivo-sexual-romântica, mas, sim, uma relação social de poder, imposta historicamente através de diferentes meios coercitivos, o que implica considerar a heterossexualidade enquanto ideologia, relação social e princípio organizativo. Por ‘paradigma da heterossexualidade’ refiro-me mais especificamente à apresentação e compreensão da heterossexualidade como um dado natural que fundamenta e significa as relações sociais, aquilo que, de maneira mais complexa, Monique Wittig (2022) denominou de *pensamento heterossexual*.

uma predominância de pesquisas a respeito da homossexualidade masculina e, mais recentemente, uma ampliação das pesquisas a respeito da população trans, conforme demonstram as revisões realizadas por Carlos Eduardo Henning (2017) e por ele e Guita Grin Debert (2016). Ademais, ainda que apresentem a sigla LGBT, parte destes estudos não fazem qualquer menção às lésbicas e/ou suas especificidades, outros, quando fazem, apresentam-nas junto aos homens homossexuais, como se a experiência da homossexualidade fosse análoga entre lésbicas e homens gays (PAIVA, 2009; FERNANDES *Et al.*, 2015; LEMOS, 2015).

Haja vista todas as lacunas e tensões supracitadas, assumo, na pesquisa de mestrado em andamento da qual se origina este artigo, a heterossexualidade enquanto categoria de análise e intento compreender de que forma ela, o etarismo e condições próprias ao contexto do interior atuam em conjunto para construir modos de vida e condições de existências (a)diversas para as lésbicas. Nas partes que se seguem, exponho parte dos referenciais teóricos que constroem a pesquisa, apontando a importância dos referenciais lésbico-feministas para uma compreensão mais crítica e estrutural das existências lésbicas e, conseqüentemente, das mulheres como um todo.

Heterossexualidade como categoria de análise: contribuição das lésbicas feministas

Pensado em seu sentido puramente descritivo, o termo *lésbicas feministas* pode se referir a um número considerável de feministas que foram ou são lésbicas, incluindo-se aquelas que não assumem, politizam, produzem ou discutem abertamente sobre as relações sociais de sexo, a sexualidade ou a existência lésbica, em particular. Desde esse ponto de vista, é possível considerar que as lésbicas têm historicamente contribuído de inúmeras formas para os feminismos, em suas mais variadas propostas teóricas e metodológicas, assim como no interior de outros movimentos sociais, como os movimentos negros, de liberação homossexual, hoje LGBTI+, ou na luta por direitos civis, onde as lésbicas não só estiveram ativamente presentes, como foram também figuras centrais. Como afirma Adrienne Rich ([1980] 2019, p. 116): “muitas das ativistas mais intransigentes e heróicas de todos os movimentos por mudança social eram

lésbicas”.

Contudo, faço uso do termo *lésbicas feministas* para me referir àquelas que têm combatido a invisibilização lésbica dentro dos estudos feministas e nos mais diversos campos de produção do conhecimento dentro das Ciências Humanas e Sociais, assim como nos movimentos feministas e outros, mas sobretudo aquelas que definiram a existência lésbica como definidora da sua perspectiva teórica e analítica sobre as relações sociais⁹.

Com pontos em comuns e outros díspares, as lésbicas feministas têm sido recorrentemente críticas da heterossexualidade, criando conceitos e sistemas de pensamento que rompem com a *ideia de Natureza*¹⁰ (GUILLAUMIN, [1978] 2014), da preferência sexual ou outras ideologias heterossexistas que têm minado a possibilidade de muitas feministas investigarem a sexualidade e as relações sociais por ela atravessada com a mesma seriedade e crítica com que avaliam outros aspectos da sua subordinação. Ademais, uma perspectiva crítica à heterossexualidade revela também as rasuras e contradições existentes dentro dos diferentes grupos de mulheres nas relações estabelecidas entre elas próprias e, em última instância, entre todas as mulheres.

Ochy Curiel (2013), lésbica feminista decolonial, defende o lesbianismo feminista como perspectiva teórica-política fundamental, entendendo-o como uma teoria política e ética filosófica, além de movimento social e posição política. Justifica (p. 33-34):

⁹ Por esse motivo, algumas pesquisadoras e ativistas lésbicas optam pelo uso do termo *lesbianismo*, em detrimento de *lesbianidade*, reforçando o caráter político do mesmo, o que se opera também pela discordância teórica e política de pensar a existência lésbica desde o ponto de vista da sexualidade apenas. Nesse sentido, o sufixo “ismo” refere-se à ideologia política e não faz qualquer referência ao signo de patologia, como comumente criticado no uso de termos como homossexualismo. Outras, contudo, sustentam a perspectiva de que o termo *lesbianismo* ressoa de maneira clínica e limitante, como afirma Adrienne Rich (2019, p. 65), optando pelo termo existência lésbica. Embora não esteja de acordo com às críticas ao uso do termo *lesbianismo*, desde uma perspectiva política, faço uso, em diferentes pontos deste texto, do conceito *existência lésbica* como um contraponto ao termo *lesbianidade*, ao assumir que se trata de uma condição de existência histórica, social e política, que escapa à sexualidade, embora seja também por ela constituída.

¹⁰ *Ideia de Natureza*, conforme descrito pela feminista materialista francesa Collete Guillaumin (2014, p. 65-71), trata-se do enraizamento da apropriação de uma classe por outra no plano das ideias, a nível ideológico-discursivo. A ideologia naturalista legitima a coisificação e naturalização de determinados grupos, como as mulheres e os negros, que na perspectiva materialista constituem classes políticas, através da sexização e racialização, sob o pretexto de que sua apropriação/exploração é algo natural, determinado por um destino biológico.

- 1) *teoria política* porque tem formulado complexas e diversas teorias, sistemas de pensamento, hipóteses, epistemologias e metodologias para analisar os diversos sistemas de opressão que afetam fundamentalmente as mulheres e as lésbicas, mas que, além disso, permitem explicar distintas relações sociais como as relações de sexo e aquelas que são atravessadas pela raça e pela classe;
- 2) *ética filosófica* porque, a partir de diferentes posições teóricas, epistemológicas e metodológicas, propõe – não sem dificuldades para tal – que se acabem as opressões dadas por sexo, raça, classe e sexualidade, entre outras, questionando para isso o saber e a norma patriarcal e heterossexual;
- 3) *movimento social* porque tanto a teoria política quanto a ética filosófica que constitui o lesbianismo feminista se origina da construção coletiva de práticas políticas de um movimento social de caráter internacionalista e diverso; e, por fim,
- 4) *posição política* porque supõe evidenciar um lugar de enunciação e uma postura de visibilidade.

Em *Breve resenha de algumas teorias lésbicas*, Jules Falquet (2012a) faz uma síntese de algumas das principais correntes e análises teóricas lésbicas, destacando as produções de duas diferentes teóricas, paradigmáticas para o pensamento lésbico¹¹: Adrienne Rich, feminista lésbica estadunidense, e Monique Wittig, feminista lésbica francesa, que lograram, nas palavras de Falquet, a retirar a lesbianidade do campo estreito das práticas sexuais e desviar o olhar das minorias sexuais para a heterossexualidade, demonstrando como o que está em jogo, no que diz respeito quer a heterossexualidade quer a lesbianidade, não se encontra no campo da sexualidade,

¹¹ Em consonância com Zuleide Silva e Rosângela Janja Araujo (2021), adoto o termo *pensamento lésbico* entendendo-o como o conjunto de reflexões produzidas por pensadoras lésbicas, independentemente do espaço geopolítico por elas ocupado, que se constitui enquanto forma de resistência e crítica às formas de produção e epistemologias da ciência moderna, seus fundamentos e princípios, historicamente erigidos sob uma perspectiva androcêntrica e heterossexual. Assim, *pensamento lésbico* se refere à *ginga* discursiva, no termo das autoras em referência à Capoeira Angola e ao jogo de corpos dela característico, que coloca em xeque os postulados, princípios, crenças e valores do pensamento heterossexual. O pensamento lésbico, contudo, longe de ser homogêneo, é formado por distintas correntes teóricas e um complexo corpo de produção de conhecimentos.

mas sim do poder (FALQUET, 2012b, p. 19-20).

As duas autoras são representativas de duas correntes do pensamento lésbico: de um lado, uma corrente anglófona; do outro, a francófona, com divergências entre si, que refletem tanto as diferenças quanto aproximações entre os movimentos de mulheres e de lésbicas nos Estados Unidos e França, assim como sua associação com outros movimentos sociais, e ainda os referenciais e posicionalidades políticas e teóricas das autoras.

Heterossexualidade enquanto instituição política de dominação

Adrienne Rich, lésbica feminista estadunidense, denuncia a heterossexualidade como uma norma instituída através de diferentes formas de controle e dominação da sexualidade feminina, que só se torna possível graças à invisibilização da existência lésbica. Para Rich (2019), a heterossexualidade é uma instituição obrigatória, fortalecida pelas leis, pela religião, pelos meios de comunicação, pelas diferentes formas de censura operada contra as mulheres nas diferentes esferas sociais e discursivas, que convence as mulheres de que o casamento e a orientação do desejo romântico e afetivo-sexual heterossexual é um elemento inescapável das suas vidas, ainda que signifiquem insatisfação e opressão, o que ela denomina de *heterossexualidade compulsória* (também traduzida e conhecida, em português, como heterossexualidade obrigatória).

Ao expor as diferentes maneiras pelas quais a heterossexualidade se impõe enquanto instituição política que assegura o poder e acesso físico, sexual, político, emocional e econômico dos homens sobre as mulheres, seja através do casamento infantil, da idealização do amor romântico heterossexual, do casamento, da prostituição, de formas de controle da sexualidade feminina como cintos de castidade e clitoridectomia, assim como da erradicação da existência lésbica, Rich (2019) adverte para a importância de considerar a importância da relação entre a heterossexualidade, o sistema capitalista e o sistema de castas do racismo, considerando-a como parte da variedade de forças de dominação desses sistemas.

Ao associar a heterossexualidade compulsória às formas de produção capitalista que produzem a segregação por sexo/gênero na esfera do trabalho, dando às mulheres

posições menos valorizadas e sexualizadas, Rich demonstra também como as lésbicas são, em sua análise, obrigadas, para se manterem empregadas, a negar sua sexualidade e a se parecerem com as mulheres heterossexuais, isto é a se apresentarem socialmente vestidas como uma e a se comportarem como se estivessem sexualmente disponíveis para os homens, apontando para as diferentes maneiras pelas quais a heterossexualidade opera em termos macrossociais.

A autora defende ainda a existência lésbica sob a perspectiva de um *continuum lésbico*, no qual as mulheres se distanciam da heterossexualidade obrigatória e estabelecem laços entre si, fortalecendo-se conjuntamente na luta contra as suas próprias opressões, a despeito de suas práticas sexuais. Nas palavras de Rich (2019), o feminismo lésbico, em seu sentido mais profundo e radical, significa o amor por si mesma e pelas mulheres e o engajamento a favor da libertação de todas, e não de algumas poucas eleitas, a fim de que a integridade de todas seja reconhecida e considerada nos domínios da cultura. Em última instância, isto implica dizer que toda prática feminista é politicamente lésbica porque objetiva a aliança entre as mulheres.

Heterossexualidade enquanto regime político e pensamento

Monique Wittig, lésbica feminista francesa, propõe uma análise materialista da heterossexualidade, a partir de algumas proposições compartilhadas com o feminismo materialista francês, que, como explicitado por Jules Falquet e Ochy Curiel (2014), caracteriza-se por um conjunto teórico e histórico-político específico, especialmente denso e internamente coerente, que analisa o sexo como um fenômeno de classe, e que estava em formação na França durante a produção dos primeiros textos que compõem a obra *O pensamento hétero e outros ensaios* (2022), que foram escritos originalmente entre o fim da década de 1970 e início dos anos 1990.

Dentre as proposições compartilhadas entre Wittig e demais feministas materialistas francesas, está a de que homens e mulheres são classes, definidas por uma relação social, material, concreta e histórica; uma relação de classe profundamente conectada ao sistema de produção, trabalho e exploração, conceituada como *rappports*

*sociais de sexo*¹². Assim, existindo em relação de oposição, homens e mulheres constituem-se enquanto categorias políticas que só existem uma em função da outra.

A nível ideológico, a heterossexualidade é sustentada, afirma a autora, como culturalmente e naturalmente inescapável, como um dado pré-existente, presente nas mais diversas ciências, das biológicas às sociais (incluindo boa parte das produções feministas), o que Wittig denomina de *pensamento heterossexual*¹³ (2022, p. 62-63). A autora opta pelo conceito de *pensamento* em detrimento de *ideologia*, afirmando o segundo como generalizador por se referir a todos os discursos dos grupos dominantes e, nesse sentido, ser relegado ao campo das Ideias Irreais, descolado de uma dimensão material de opressão (WITTIG, 2022). Nesse sentido, e também em diálogo com *O pensamento selvagem* de Claude Lévi-Strauss (1962), Wittig propõe o *pensamento heterossexual* como um conceito que diz respeito à dimensão ideológica-discursiva da dominação material existente na relação obrigatória entre homens e mulheres, qual seja a própria diferença sexual e os desdobramentos desta.

Para o pensamento heterossexual, não há qualquer cultura ou sociedade que não seja ordenada pela heterossexualidade. As lésbicas, ao recusarem se tornar ou continuar heterossexuais, contradizem e negam a heterossexualidade, revelando seu caráter social. A existência lésbica revela não apenas a heterossexualidade enquanto um dado social, mas também as mulheres e homens eles próprios que, em sua perspectiva, são categorias políticas, em uma relação de classe antagônica e codependente. Disto se desdobra a sua célebre afirmação de que “as lésbicas não são mulheres” (WITTIG, 2022, p. 67), posto que o que define a classe de mulheres é uma relação social específica com a classe dos homens, diante da qual a lésbica é uma fugitiva, como bem expôs a lésbica feminista estadunidense Cheryl Clarke:

¹² Em francês, há dois termos/conceitos para explicar as relações sociais, quais sejam *rappports sociaux* e *relations sociales*, que, no português, são ambas traduzidas como relações sociais. Contudo, *rappports sociaux* diz respeito às relações estruturais da sociedade, em um nível macro, impessoal, invisível, que não são transformados por ações individuais; enquanto *relations sociales* referem-se às relações cotidianas, a nível micro e interpessoal, como a relação entre duas pessoas (CURIEL; FALQUET, 2014).

¹³ Algumas autoras, como a Ochy Curiel (2013), privilegiam o uso do conceito em inglês, i.é. pensamento *straight*, afim de garantir o significado pretendido pela autora, já que *straight* (hetero, reto, direto) tem um sentido outro em língua inglesa, referindo-se não apenas à orientação sexual, mas o respeito às normativas sociais e culturais (um comportamento reto, normativo), acentuando, com as possibilidades semânticas da palavra *straight*, o caráter político da heterossexualidade. A própria Wittig optou pela manutenção do termo em inglês, na tradução dos seus ensaios para o francês.

E a lésbica – aquela mulher que, como disse Judy Grahn, “tomou outra mulher como sua amante” – conseguiu resistir ao imperialismo do senhor de escravas naquela esfera da sua vida. A lésbica descolonizou o seu corpo. Ela rejeitou uma vida de servidão implícita nas relações heterossexuais ocidentais, e aceitou o potencial de mutualidade das relações lésbicas – não obstante os seus papéis (CLARKE, 1981, p. 128).¹⁴

Ademais, Monique Wittig afirma a defesa do “ser mulher” como um mito, uma formação imaginária, uma armadilha patriarcal, que coloca o feminismo em busca da “igualdade na diferença” ao invés de considerar a diferença sexual ela própria como a ideologia da opressão das mulheres, afirmando “homens” e “mulheres” como categorias políticas e econômicas passíveis de destruição.

Heterossexualidade enquanto base ontológica da modernidade

Ochy Curiel (2013), lésbica feminista decolonial, de origem dominicana, demonstra como a heterossexualidade, enquanto apropriação individual e coletiva¹⁵ das mulheres, atua em uma dimensão macropolítica, constituindo as bases ideológicas e materiais da Nação. Desde uma perspectiva lésbico feminista decolonial, a autora investiga as complexas interrelações entre o colonialismo, racismo e a heterossexualidade, compreendendo a Nação como produto do Sistema-Mundo Moderno¹⁶, a partir das reflexões de outros pensadores decoloniais, como Aníbal Quijano, Maria Lugónes e Edgardo Lander.

¹⁴ Tradução nossa, do original: “And the lesbian – that woman who, as Judy Grahn says, “has taken a woman lover” – has succeeded in resisting the slave master’s imperialism in that one sphere of her life. The lesbian has decolonized her body. She has rejected a life of servitude implicit in Western, heterosexual relationships and has accepted the potential of mutuality in a lesbian relationship – *roles notwithstanding*”.

¹⁵ Apropriação coletiva e apropriação individual são conceitos-chave do pensamento feminista materialista francês (FMF), que revelam duas faces de uma mesma relação: a *sexagem* i.é. a relação na qual as mulheres, enquanto classe de sexo, são tomadas como unidade material produtora de força de trabalho, sendo apropriadas por inteiro e não apenas através da sua força de trabalho, já que não existe, nesta relação, “nenhum tipo de mensuração do açambarcamento da força de trabalho (GUILLAUMIN, 2014, p. 33).

¹⁶ O Sistema-Mundo Moderno, por sua vez, pode ser entendido como uma estrutura de dominação e exploração que se iniciou com o colonialismo, mas que se estende até os dias de hoje através, dentre outras sequelas, de um padrão mundial de poder-saber, que tem como uma de suas bases ontológicas a *outridade*.

Tendo também como referência teórica as reflexões da Adrienne Rich assim como das feministas materialistas francófonas, como as já citadas Monique Wittig e Collete Guillaumin entre outras, Ochy Curiel (2013) demonstra, a partir da análise da Constituição Política da Colômbia de 1991, os desdobramentos da heterossexualidade, a nível jurídico, social e político, que conformam uma Nação heterossexual. Assim, a autora adota o neologismo *Heteronação* com o intuito de deixar em evidência a heterossexualidade enquanto princípio fundamental e inseparável do projeto moderno de Nação, haja vista o pacto social masculino implícito na constituição, apresentado através do contrato heterossexual nela presente, que define as mulheres em termos das suas diferenças diante dos homens, esses representando o Uno, o ponto de partida, o referente dominante, enquanto as mulheres constituem as Outras, enquanto sujeitas e cidadãs, em síntese reforçando e instituindo, em termos legais e jurídicos, a diferença sexual como base ontológica.

Curiel sintetiza os usos conceituais e analíticos da heterossexualidade dentro da Antropologia, seu campo de formação, que a tem definido como uma prática sexual hegemônica, conectada a diferentes instituições sociais, como a família, e ao sistemas de reprodução, produção e divisão sexual do trabalho; ou ainda como uma construção cultural em torno da sexualidade, cujas práticas, comportamentos, corpos e pulsões são analisados como culturalmente mediados, sem que as práticas eróticas e sexuais sejam o único ponto de interesse dessas investigações. Essas perspectivas, como pontua a autora, têm sido importantes para o estudo das sexualidades dentro das Ciências Sociais, todavia, a abordagem da heterossexualidade enquanto instituição ou regime político, elaborada a partir do lesbianismo feminista enquanto corrente teórica, tem sido desprivilegiada pela maioria das antropólogas.

Para Ochy Curiel (2013), questionar a heterossexualidade enquanto instituição e regime político significa questionar as bases do que constrói os sistemas de dominação e opressão característicos da Modernidade. Analisar a heterossexualidade implica combater a ideia de *inclusão* implícita no não questionamento dos referentes dominantes - o que inclui também a colonialidade, a branquitude e o capitalismo, combatendo também a tendência de simplesmente tratarmos-nos como as Outras, sem buscar entender e combater aquilo que nos torna Outras/os.

Como explicita Curiel, a outridade, essa produção do Outro, do diferente, em termos econômicos, políticos, linguísticos e simbólicos, para a sustentação do Uno, do Um, qual seja o UM-Centro-Europa, o UM-Homem, que, contudo, necessita da OUTRA-Mulher, do OUTRO-Sul Global, para reivindicar-se o referente, é um dos resultados do colonialismo. É a outridade, afirma ela, a base ontológica da heterossexualidade, i.é. é o paradigma da diferença sexual (do UM-Homem e da OUTRA-Mulher) que forja a ideia de uma complementariedade heterossexual.

No que diz respeito ao Estado-Nação, Curiel (2013) afirma que questionar a heterossexualidade é questionar todo o projeto de Estado-Nação, na medida em que esse se ampara precisamente nas instituições do casamento, da maternidade e do casal heterossexual. Em outras palavras, ao demonstrar a complexa imbricação da heterossexualidade com as demais relações sociais de poder, desde suas bases ideológicas-discursivas às suas faces materiais de opressão e exploração, a antropóloga demonstra a impossibilidade de haver um projeto de sociedade verdadeiramente revolucionário, que combata o racismo-sexismo-capitalismo, sem que este questione e enfrente a heterossexualidade como base dessas estruturas de dominação.

A existência lésbica e a crítica à heterossexualidade

A existência lésbica compreende tanto a quebra de um tabu quanto a rejeição a um modo de vida compulsório. Também é um ataque direto ou indireto ao direito dos homens de acesso às mulheres. Mas é mais que isso [...] As lésbicas têm sido historicamente privadas de uma existência política por sua inclusão como “versão” feminina da homossexualidade masculina.

Adrienne Rich

Nas mais diversas disciplinas dentro das Ciências Humanas e Sociais, lésbicas ainda aparecem como extensão da homossexualidade masculina, análogas aos homens gays e sem especificidades. Homossexuais femininas, mulheres *gays* ou ainda a sigla guarda-chuva LGBTI+ são outras formas recorrentes para se referir às lésbicas,

ignorando-se, como têm apontado as teorias feministas e lésbico-feministas, que as lésbicas e mulheres vivem em uma posição social estruturalmente diferente daquela ocupada pelos homens em praticamente todas as culturas existentes (FALQUET, 2012a).

Lésbicas têm definido a si mesmas enquanto lésbicas, principalmente aquelas em culturas ocidentais, como algo que diz não somente sobre suas preferências românticas e sexuais e como esta é exercida a nível individual, mas também sua adesão a um grupo social que compartilha experiências e processos comuns e uma perspectiva particular e política sobre a sociedade e as relações sociais (CLARKE, 1981; CURIEL, 2013; RICH, 2019; FALQUET, 2012a, 2012b; SILVA, 2017; WITTIG, 2022). Portanto, lésbica refere-se não apenas a uma identidade caracterizada por preferências afetivossexuais, a uma orientação sexual, embora o termo possa ser utilizado nesse sentido. Lésbica é também o que define uma posicionalidade política.

Zuleide Paiva da Silva (2017), em sua tese sobre as primeiras organizações lésbicas da Bahia, discute a constituição do corpo político lésbico e da lésbica enquanto ser político a partir das reflexões teóricas e discursos de diferentes lésbicas feministas, teóricas, pesquisadoras e ativistas. Nesse sentido, defende a existência de uma “dimensão política, pública, articulada com as lutas feministas pela derrocada do patriarcado como sistema de dominação e da ordem heterossexual” (SILVA, 2017, p. 99) como parte da identidade lésbica, que é também, em suas palavras, “um corpo coletivo em movimento”.

Assim, é preciso pontuar como as lésbicas enquanto aquelas que recusam o papel social de mulher (casamento heterossexual, maternidade e disponibilidade sexual aos homens, quando não da própria feminilidade), vivem de forma distinta das mulheres heterossexuais, bem como dos homossexuais masculinos, experienciando histórias particulares e distintas, dissimilares e até incompatíveis (FALQUET, 2012a; RICH, 2019). De tal modo que é, minimamente, suspeita a afirmação de que não há qualquer distinção entre as experiências, sejam de envelhecimento ou de qualquer outra dimensão social da vida, das lésbicas em comparação com a de outras e outros sujeitos sociais.

Ao retirar as lésbicas apenas do lugar de Outras, daquelas que têm uma sexualidade desviante, diversa, não-heterossexual, mantendo o *status quo* da heterossexualidade como norma, ao inseri-las como parte da análise de como esta norma

mesma opera, questionando, portanto, a sua naturalidade, a *ideia de Natureza* que a sustenta, o seu lugar como referente, não só se torna possível refletir sobre suas experiência de maneira mais estrutural, crítica e politicamente coerente, como também amplia as nossas lentes de pesquisa para outras dimensões das experiências e existências lésbicas, além das afetivossexuais, ainda que essas também possam ser de grande relevância.

Como sugere Adrienne Rich (2019), assumir a existência lésbica como uma realidade e como fonte de conhecimento e poder, assim como assumir a heterossexualidade como uma cabeça de ponte da dominação masculina¹⁷, pode, em conjunto, conduzir à uma verdadeira força de mudança – na teoria e na prática da vida das mulheres e lésbicas.

Por uma abordagem lésbicofeminista das existências lésbicas

Adotar uma perspectiva lésbica feminista na produção de conhecimento significa, em suma, considerar a heterossexualidade enquanto um princípio organizativo da vida social, de caráter estrutural, assim como considerar a sua intersecção com demais relações sociais de poder; e também tomar a posicionalidade política e teórica das lésbicas como ponto de vista privilegiado para a compreensão das relações sociais atravessadas pela heterossexualidade.

Conceber a heterossexualidade como categoria análise a ser investigada, quer como instituição política quer como regime político, com faces materiais e ideológicas-discursivas, ou ainda enquanto base ontológica da sociedade moderna, torna possível desvelar as maneiras pelas quais a heterossexualidade, com seus diferentes mecanismos de apropriação, exploração, subordinação e dominação, impacta a vida das mulheres e das lésbicas, forjando diferentes modos de vida e estratégias de resistência e sobrevivência a este regime – o que também implica conceber as lésbicas desde um lugar político de oposição e resistência ao regime heterossexual, ainda que não estejam politicamente engajadas em algum movimento social ou luta política.

¹⁷ Para usar os termos da autora, que com *cabeça de ponte* faz referência à uma forma de fortificação militar estabelecida em território inimigo, comprometendo a sua defesa e dificultando sua passagem.

Nesse sentido, em acordo com Adrienne Rich (2019), que nos convoca a considerar a existência lésbica como de fundamental importância para entender as relações sociais de dominação e subjugação das mulheres, assim também como as reflexões realizadas pelas demais pensadoras lésbicas aqui referenciadas, optar pela existência lésbica enquanto categoria de pesquisa trata-se certamente de uma posicionalidade teórica e política, atravessadas por diferentes pressupostos, como: 1) a defesa de que as lésbicas constituem um grupo social e histórico específico, ainda que diverso; 2) a compreensão de que a sexualidade lésbica tem sido alvo de discriminações e violências particulares; 3) a defesa de que a existência lésbica é invariavelmente uma resistência à opressão de sexo/gênero, ao desafiar a heterossexualidade; 4) a crença de que a existência lésbica é capaz de apontar pistas para a emancipação das mulheres e, em última instância, de todos os sujeitos.

Assim, assumindo tais categorias e perspectivas teóricas como parte da investigação das experiências sociais das lésbicas, em suas diferentes interseccionalidades, a exemplo do envelhecimento lésbico, torna-se possível investigar de quais maneiras a heterossexualidade se impõe nas vivências dessas sujeitas e de que forma se intersecta com demais relações sociais. Demonstrando, como no caso da pesquisa em andamento, como a heterossexualidade é definidora da própria do etarismo que segrega as mulheres em diferentes hierarquias sociais em razão da sua disponibilidade e atratividade sexual aos homens, bem como dos papéis sociais exercidos dentro das relações familiares, como a maternidade e avosidade, o que possibilita uma análise das existências lésbica desde uma perspectiva macrosocial, que considere as relações sociais de poder.

É com o objetivo de lesbianizar, como afirma Zuleide Paiva da Silva (2017), o campo de estudos feministas, a partir de uma perspectiva orientada pelo pensamento político das lésbicas, reconhecendo-nos enquanto sujeitas à margem do sistema econômico, político e social da heterossexualidade, ao qual desafiamos e transgredimos, que seguimos produzindo conhecimento a fim de desvelar o caráter social e político das nossas existências, retirando-nos do lugar obscuro, pouco revolucionário, ahistórico e apolítico de “desviantes sexuais”.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Andrea Moraes. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 34, jul/dez. 2010. p. 213-223.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, n. 13, “Dossiê Gênero em Gerações”, Campinas: Unicamp, 1999. p. 191-221.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, maio\ago 2010. p. 225-250.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. A juvenilização atual das idades. **Caderno Espaço Feminino**, v. 25, n. 2, jul/dez 2012. p. 11-24.
- CLARKE, Cheryl. Lesbianism: an act of resistance. In: MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana. **This Bridge Called my Back**. San Francisco: ISM PRESS, 1981. p. 141-151
- CURIEL, Ochy. **La Nación Heterosexual: análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación**. Bogotá, Brecha Lésbica y en la frontera, 2013.
- DEBERT, Guita Grin. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, Ruth (org.). **A aventura Antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 141-156.
- DEBERT, Guita Grin. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **Revista USP**. São Paulo, n. 42, jun/ago 1999. p. 70-83.
- DEBERT, Guita Grin; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Rev. Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 80, 2012. p. 37-54.
- FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- FALQUET, Jules. **Breve resenha de algumas teorias lésbicas**. México: Fem-e-Libros, 2012a. 40p.
- FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuição da lesbianidade como movimento social e teoria política. **Cadernos de Crítica Feminista**, v. 6, n. 5, 2012b. p. 8-31.
- FALQUET, Jules; CURIEL, Ochy. Introdução. In: FERREIRA, Verônica (Et. al.). **O patriarcado desvendado: teoria de três feministas materialistas**. Recife: SOS Corpo e

Cidadania, 2014. p. 27-101

FERREIRA, Verônica et. al. (orgs.). **O patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas**. Recife: SOS Corpo, 2014. 188p.

FERNANDES, Juliana. BARROSO, Karoline. ASSIS, Amanda. POCAHY, Fernando. Gênero, sexualidade e envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura. **Rev. Ciência e Cultura**, v. 4, n. 1, jan/jun 2015. p. 14-28.

FERNANDES-ELOI, Juliana. DANTAS, Anne Joyce Lima. SOUZA, Aline Maria Barbosa Domício. CERQUEIRA-SANTOS, Elder. MAIA, Luciana Maria. Intersecções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas. **Rev. Saúde e Transformação Social**, v. 8, n.1, 2017. p. 61-71.

GUILLAUMIN, Colette. Prática do poder e ideia de natureza. In: FERREIRA, Verônica (Et. al.). **O patriarcado desvendado: teoria de três feministas materialistas**. Recife: SOS Corpo e Cidadania, 2014. p. 27-101.

HENNING, Carlos Eduardo. Gerontologia LGBT: Velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos lgbt”. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 23, n. 47, jan/abr. 2017. p. 283-323.

HENNING, Carlos Eduardo; DEBERT, Guita Grin. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. **Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento**, vol. 26, n. 63, dez. 2015. p. 8-31.

LE MOS, Alex Eduardo. **Homossexualidade e velhice: os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências- Universidade Estadual Paulista: Araraquara, 2015.

LIMA, Prince Vangeris Silva Fernandes de. Homossexualidade na terceira idade: revisão de literatura. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v. 4, n. 2, 2013. p. 2289-2299.

PAIVA, Crístian. Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, n. 4, 2009. p. 191-208.

PINAFI, Tânia. **História do movimento de lésbicas no Brasil: lésbicas contra a invisibilidade e o preconceito**. Novas Edições Acadêmicas, 2015.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbicas e outros ensaios**. Tradução: Angélica Freitas e Daniel Luhmann. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2019. 163p.

SILVA, Zuleide Paiva da. **“Sapatão não é bagunça”**: estudo das organizações lésbicas da Bahia. Tese (Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do

Conhecimento) – UFBA, IFBA, UNEB, UEFS, SENAI-CIMATEC, LNCC, Salvador, 2017. 328 f.

SILVA, Zuleide Paiva da; ARAUJO, Rosangela Janja Costa. Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 3, 2021. p. 1-14.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.